

## A VIDA RIBEIRINHA AMAZÔNICA: ALTERIDADE, TERRITORIALIDADE E INVISIBILIDADE

Cássio Ferreira de Souza<sup>1</sup>

Mariana Jesumary Magalhães de Souza<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta as particularidades da vida ribeirinha amazônica, atores sociais distintos advindos do processo de formação social desta região com traços muito singulares em relação às demais regiões. A diversidade encontrada por conta de migrações e fluxos humanos que foram formando determinadas comunidades tradicionais, que sua relação com o território constroem uma alteridade em relação aos agentes externos que quase sempre os incluem em grandes categorias generalizantes. A metodologia adotada é predominantemente de revisão de literatura, mas conta com nossos *insights* de observações e vivências ao longo do período em que tivemos a experiência de viver entre os ribeirinhos amazônicos. Percebemos que a situação de invisibilidade acaba gerando omissão de políticas públicas de apoio a estratégias de sustentabilidade, sendo necessário envidar reivindicações de ações que estejam contextualizadas com sua realidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ribeirinhos; territorialidade; identidade; Amazônia.

### AMAZON RIBEIRAN LIFE: ALTERITY, TERRITORIALITY AND INVISIBILITY

**ABSTRACT:** This article presents the peculiarities of the Amazonian riverside life, different social actors that come from the process of social formation of this region with very singular traits in relation to the other regions. The diversity found in the account of migrations and human flows that have been forming in certain traditional communities, which with their relation to the territory build an alterity in relation to the external agents that almost always include them in broad generalizing categories. The methodology adopted is predominantly a literature review, but it draws on our insights from observations and experiences during the period in which we had the experience of living among the Amazon's riverine communities. We realized that the situation of invisibility ends up generating an omission of public policies to support sustainability strategies, making it necessary to make demands for actions that are contextualized with their reality.

**KEYWORDS:** Riverain; territoriality; identity; Amazônia.

### INTRODUÇÃO

A relação entre o homem cuja casa se firma à margem do rio e seu cotidiano envolve um relacionamento que vai muito além das questões de subsistência. A pesca, o uso de suas águas para consumo e a locomoção através da navegação não são as únicas coisas que permeiam esta relação, mas as experiências sobrenaturais ou místicas envolvidas entre esses personagens como também sua identificação com o ambiente e a forma como se organiza em sociedade.

O desejo de estudar o tema proposto surgiu devido à observação do cotidiano do povo que mora nas margens dos rios em comunidades tradicionais no Amazonas,

<sup>1</sup> Especialista em Antropologia Intercultural. E-mail: [cassio.missoes@gmail.com](mailto:cassio.missoes@gmail.com)

<sup>2</sup> Especialista em Antropologia Intercultural. E-mail: [mari.jesumary@gmail.com](mailto:mari.jesumary@gmail.com)

especialmente quando convivemos com eles anos de 2013 a 2015 em que moramos em comunidade ribeirinha no município de Maués – AM.

O intuito de analisar quais são os elos que com sua relação com o território constroem uma alteridade em relação aos agentes externos que quase sempre os incluem em grandes categorias generalizantes que os tornam invisíveis diante da sociedade é o objeto desta pesquisa. Observar a vida social, espiritual e econômica dos nativos, e mensurar os valores empíricos de suas tradições culturais. Alguns pontos a serem averiguados são as questões territoriais, o que os atrai a morar em certas localidades bem como aspectos cognitivos que os definem como tal.

Para a compreender a diversidade das identidades das populações tradicionais da Amazônia é necessário levar em consideração a produção capitalista do espaço e sua necessidade de expandir (HARVEY, 2005). Isso produz um cenário de desenvolvimentismo verticalizado desigual a fim de promover a integração e desenvolvê-la a partir da economia, da política e da cultura trazendo um novo contexto a partir da década de 1960 na Amazônia, uma modernização distinta em diferentes lugares.

Castells (1999) e Ribeiro (2007) explica o conceito de identidade como “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalecem sobre outras fontes de significado.” A diversidade territorial na Amazônia é compreendida através de uma construção das múltiplas desigualdades ao longo da história, especialmente daquelas de caráter econômico, que produz a vivência com o lugar e a identificação com ele.

Outra contribuição neste sentido foi efetuada por Pierre Bourdieu consoante sua afirmação de que a identidade é um “ser percebido que existe fundamentalmente pelo reconhecimento dos outros” (BOURDIEU, 1989, p.117). Do mesmo modo como outros conceitos do autor, estamos diante de uma proposta relacional. Pode-se compreender que esta é produto da contradição existente entre o significado social e cultural no território amazônico expressos nos modos de vivência da população ribeirinha.

Durante os anos de 2007 a 2016 convivendo na região amazônica por meio de atividade missionária, morando em casa de madeira construída pelos próprios comunitários, navegando dentre os rios em canoas e barcos para visitar outras comunidades, participando de suas atividades como fabricação de farinha e pó de guaraná como também reuniões de moradores e festividades locais. Foi possível perceber que a natureza é um componente a se considerar no que diz respeito à diversidade da Amazônia, principalmente quando se trata da compreensão dos modos de vida e das identidades das populações ribeirinhas. Existe um

elo entre estas populações e o ecossistema. É nesta relação que as populações tradicionais constroem todo seu modo de vida a partir de um conhecimento empírico, que é transferido de pai para filho:

Através do senso prático que compõe um *ethos* ribeirinho que, junto com um conjunto de simbologias, mitos e rituais associados à caça, pesca e atividades extrativistas, compõe uma matriz de racionalidade ambiental muito particular de uso-significado da natureza (CRUZ, 2011, p. 07).

Neste estudo temos como objetivo investigar como a natureza influencia o ambiente axial para a construção da vida ribeirinha, além disso, quais são os processos pelo qual as relações socioespaciais e histórico-culturais concebem um sentimento de pertencimento por este território propiciando todos os seus membros compreenderem a vivência dos atores sociais amazônicos.

Analisando os meios de subsistência como o estilo de vida, alimentação e locomoção. Investigando os processos socioculturais que envolvem a escolha dos locais de moradia e eventuais mudanças e o que tem causado a invisibilidade do povo diante da sociedade e que efeitos tem causado na vida do ribeirinho. Buscando saber quais são as implicações fundamentais para compreender a construção da identidade deste povo.

## MODOS DE VIDA RIBEIRINHA

O termo “ribeirinhos” é utilizado para se referir àqueles que habitam as margens dos rios, no caso deste trabalho, os rios amazônicos<sup>3</sup>. Eles não se definem como indígenas, nem como urbanos, são camponeses que escolheram o rio como meio de subsistência. O rio constitui a base de sobrevivência dos ribeirinhos, fonte de alimento e via de transporte, graças, sobretudo às terras mais férteis de suas margens. Pretrere Júnior (1992) e Furtado (1993), falando sobre as comunidades ribeirinhas da Amazônia, afirmam que estas são compostas em sua grande maioria por moradores que dividem o tempo entre a agricultura e a pesca artesanal, sendo essa a sua maior fonte de proteína animal.

Quando se discute a alteridade das populações que vivem na Amazônia, a comunidade ribeirinha é lembrada imediatamente como uma representação considerada natural da cultura amazônica. É a partir desta discussão que se vê a importância do rio e das matas em diversas perspectivas da região, como exemplo, o traçado da rede fluvial que faz a circulação tanto de pessoas quanto de mercadorias, que consequentemente organizou o

<sup>3</sup> É importante mencionar que é um termo pouco utilizado por estas populações para se referirem a si próprios. Eles preferem se autodenominarem caboclos. Optou-se por evitar o termo em virtude da ampla problematização na literatura antropológica, embora se tenha consciência da importância do discurso dos sujeitos da pesquisa.





povoamento na Amazônia no início do século XVII.

Scherer (2004), pesquisadora das populações amazônicas, caracteriza a região a partir de dois padrões de ecossistemas: as *terras firmes*, que são áreas extremamente altas ocupadas por florestas que não estão sujeitas a inundações, e as *terras de várzea*, que são as áreas baixas nas beiras dos rios estando sujeitas a inundações periódicas em épocas de chuva pela baixa densidade por vários meses ao ano, compondo a maior parte do território amazônico.

Quando os ibéricos vieram com o objetivo de ocupação, eles escolheram as terras de várzea por terem o maior número de nativos, formando vilas e aldeamentos que foram ampliados na exploração da borracha. A partir disto os núcleos populacionais e a própria rede urbana que estava estritamente atrelada ao traçado dos rios foram se formando. É nestes espaços que os ribeirinhos vivem, em pequenas comunidades localizadas nas margens dos rios, dispersos em casas de madeira, e dependendo da região são construídas como palafitas.

As famílias ribeirinhas são estabelecidas pelo trabalho na roça, caça, pesca e participação da vida social e religiosa da população construindo sua própria organização, estratégia de adaptação e instituições. Acerca da religiosidade ribeirinha:

A cultura religiosa católica das populações ribeirinhas, habitantes dos dois marajós (campos e florestas) na sua constituição histórica sofreu influências do catolicismo colonizador de matriz ibérica, da presença negra e nordestina, sem perder, contudo, aspectos de crenças míticas, lendárias, características de seu torrão de formação indígena. Dando origem as formas de religiosidade mescladas, em que elementos provindos de outras culturas aqui foram ressignificados, muitas vezes em tons satíricos ou ganhando formas grotescas, habitantes marajoaras recriaram dimensões próprias de lutar pela preservação de seus saberes, tradições, linguagens, culturas. (SARRAF, 2008, p.22).

Dentro do processo histórico de formação social da região tais populações adquiriram conhecimentos, valores de diversos povos e isso possibilitou desenvolver uma cultura flexível e até mesmo cosmopolita. A raiz europeia incorporou às comunidades ribeirinhas uma rede de compadrios, os povos amazônicos não vivem isolados no espaço-temporal, eles instituem relações de trocas materiais e simbólicas entre si e com as comunidades vizinhas. Enraizando uma rede de parentesco que se caracterizam por colaborar para o acesso aos recursos naturais manter uma ligação e uma reciprocidade mútua. Os laços de parentesco são estabelecidos por consanguinidade referindo as relações biológicas e afinidade através de casamentos endogâmico ou exogâmico.

Os ribeirinhos dependem tanto da terra quanto da água para seu trabalho, sendo baseado nas atividades de subsistência como a pesca, a agricultura, a extração de produtos florestais, a caça, a criação de animais domésticos, pequenos comércios e ainda pela extração madeira, todas estas atividades necessitam e tem como norte o ciclo da natureza, pois é este

que dita quando pescar, plantar e colher, se existir uma enchente, por exemplo, grande parte de suas atividades ficam comprometidas.

A água do rio é utilizada como fonte de subsistência, usada para beber, tomar banho e lavar utensílios domésticos como para realizar atividades de pesca, com instrumentos como o anzol e linha, tarrafa, matapi, rede de arrasto e batção. Os principais peixes da região marajoara segundo Miranda Neto (2005, p.107) são “acari, apaiari, aruanã, aracu, bagre, cachorro-de-padre, jeju, mandií, mandubé, pescada, piranha, tainha, tambaqui, tamuatá, traíra e tucunaré”.

Geralmente as atividades de pesca são feitas pela noite, há algum tempo atrás era possível ter fartura de peixes para a família inteira, atualmente o que se pode perceber é que há uma ausência dos peixes devido à comercialização monopolizada e mau uso dos instrumentos de pesca quando as malhas das redes predem filhotes que não são aproveitados e isso desestabiliza a economia de subsistência do ribeirão, ele tem que ficar mais tempo esperando pegar o pescado, com isso tem menos tempo para poder trabalhar na agricultura e no extrativismo, então eles tem que fazer o plantio em maiores quantidades para engendrar excedente para o comércio de exportação especialmente para cidade grande e seus arredores, ganhando assim dinheiro para compra de outros alimentos para suprir a falta de peixe na comunidade local, porém a venda deste excedente só ocorre quando há uma grande demanda de peixe, não há uma grande preocupação com este, sua economia é voltada para o sustento da família (MIRANDA NETO, 2005, p.98).

É feita a extração de produtos florestais como açaí, castanha-do-pará, piquiá, cupuaçu, palmito do açaí e da pupunha, na obra supracitada identificou os vegetais oleaginosos como “o cumaru, o murumuru, o pracaxi, a andiroba, a ucuúba e o patauá” suas sementes ou amêndoas fornecem óleos para diversos produtos de beleza já industrializados. Portanto, estes produtos têm sido descobertos por várias indústrias nacionais e internacionais de alimentos, fármacos e cosméticos, as comunidades vendem as resinas, óleos, essências aromáticas para estas empresas. É uma atividade informal, embora uma grande parte dos ribeirinhos vivem desta atividade, principalmente aqueles que desenvolvem práticas de preservação em áreas florestais.

A lavoura de subsistência é extensa e itinerante, ou seja, a agricultura é feita por determinados períodos e depois de cultivada a terra perde sua propriedade produtiva e assim a lavoura é feita em outro local. O que predomina na região é a agricultura da mandioca, planta rústica, raiz que constitui um dos alimentos básicos nas mais diversas formas (farinha,

mingaus, bolos, maniçoba, tucupi e tacacá) do amazônico. O sucesso de sua produção é pelo fato desta crescer facilmente em solos pobres.

Dentre as árvores que fornecem madeira-de-lei Miranda Neto (2005, p. 105) destaca: “cedro, jaruba, angelim, bacuri, ipê, gonçalo-alves, andiroba, maçaranduba-do Pará, cumaru, itauba, pau-marfim, pau-tartaruga, ucuúba e ubussu”, existem algumas serrarias menores que serram a madeira chamada virola para fazer o chamado “quadrado” e vendê-lo ainda bruto para as fábricas de cabo de vassoura.

Em algumas famílias a alimentação diária é complementada com alimentos industrializados, não é necessário elas irem às cidades vizinhas fazer a compra, algumas vilas têm um pequeno comércio que vende até fiado para pagar no outro mês, porém com preço bastante elevado em relação aos preços da cidade devido ao custo de seu transporte. Nem toda a população possui barco, porém a maioria dos donos dos barcos costumam ter este pequeno comércio. Há também os barcos de linha que fazem o transporte de passageiros em dias determinados e também revendem alimentos e outros produtos vindos da cidade, quando seus empregados compram alimentos é descontado no seu salário.

Na maioria das comunidades tem uma igreja que pode ser católica ou evangélica, e um salão para organização de eventos denominado centro social. Pelo menos uma vez ao mês têm agentes comunitários fazendo visitas às comunidades. Algumas comunidades possuem um pequeno posto de saúde que frequentemente conta com atendimento de enfermagem, mas nem todos possuem atendimento médico. Estes profissionais geralmente vêm dos distritos responsáveis e não são considerados “comunitários” apesar de serem bem aceitos pela sociedade local. Outras comunidades possuem escolas que dependendo da quantidade de casas se forem pequenas possuem somente o ensino fundamental, as comunidades maiores ou estrategicamente próximas de outras geralmente possuem o segundo grau sendo os três últimos anos letivos através de vídeo aula. Os professores e demais funcionários das escolas geralmente são moradores das comunidades às vezes próximas, de outros rios distantes ou mesmo dos distritos responsáveis.

Assim como os profissionais de saúde supracitados estas pessoas também não são consideradas comunitários, não costumam participar das atividades em conjunto como o trabalho no campo, fabricação da farinha, atividade de limpeza da comunidade “Puxirum” ou mesmo das reuniões de moradores. Sobre esta identificação Cardoso de Oliveira (1976 p. 5-6) destaca que Melhor podemos dar conta do processo de identificação étnica se elaborarmos a noção de identidade contrastiva”. A identidade contrastiva parece se construir na essência da identidade étnica, i.e., à base da qual esta se define. Implica a afirmação do *nós*





diante dos *outros*. Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se afrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente. No caso da identidade étnica ela se afirma “negando” a outra identidade “etnocentricamente” por ela visualizada.

Os ribeirinhos costumam fabricar seus próprios meios de transporte utilizando madeira local eles podem ser as canoas de grande porte algumas chegando a mais de 10 metros como de pequeno porte que recebem o nome de casco, uma canoa primitiva feita de um tronco escavado por processos manuais rudimentares, sem toldo e sem vela utilizando apenas o remo para navegar, porém estes foram adaptados pelos ribeirinhos usando motor a gasolina em que eles o chamam de “rabeta”, em relação ao transporte:

Como o cavalo do árabe, a canoa é o veículo da gente das ilhas. Ninguém se transporta de um sítio ao outro do encantado meandro, por mais perto que seja, se não no banco das montarias, [...] os defuntos vão para a cova embarcados, embarcados vão os noivos, os padrinhos, as procissões, os namorados, os músicos. O rio é a rua. MORAIS apud MIRANDA NETO (2005, p.117).

Sendo assim, a vida cotidiana do ribeirinho se estabelece pelas relações constituídas com e através do rio e das florestas. Deste modo o rio e a mata simbolizam a vida dos que habitam nas suas proximidades, eles proporcionam os meios de sustento, comunicação e transporte, mas também são vistos com aspectos imaginários onde se constituem as mitologias amazônicas. Acerca desta questão pode-se afirmar:

[...] um espaço onde o imaginário tem lugar não com características de superstição mas de valores que interferem na relação do homem com seu habitat, contribuindo para sua conservação [...] para os habitantes das margens dos lagos do Médio Amazonas existe a crença na „cobra grande“, uma imensa cobra que habita o fundo do lago, „existem várias delas“... „Ela tem dia, hora e lugar onde aparece e corre sobre as águas, antecipada por estrondos e espantos de aves e animais, e toda natureza da sinal dela; vem sempre em noite de lua, ela persegue quem encontra, a gente há de não mexer com ela, se amoiar longe das beiradas dos rios e dos lago pra se protege dela“, dizia-me um pescador. (FURTADO, 2009, p. 68)

## ALTERIDADE E TERRITORIALIDADE

Ao longo da história ficou evidente no imaginário social um conjunto de representações e símbolos a respeito do território da Amazônia e especialmente em relação às populações tradicionais da região, tomando como exemplo os ribeirinhos. Essas representações afirmaram maneiras defasadas de enxergar a identidade das populações ribeirinhas que na maioria das vezes conduz a invisibilidade da população amazônica.

As discussões acerca do tema alteridade são repletas de questionamentos teóricos, portanto será necessário levar em conta uma série de implicações fundamentais para compreender a constituição da identidade de tais populações. (Cruz, 2011) discute três maneiras de enxergar a identidade dos ribeirinhos.

O *primeiro* olhar é a partir de uma visão naturalista que ignora a identidade amazônica, por olhar a região somente como fonte de recursos naturais e como um conjunto de ecossistemas. Esta visão é tida como a mais comum na região por trazer ideologias que reforçam a inexistência e a invisibilidade das populações tradicionais, desconsiderando a historicidade e cultura destes atores sociais afirmadas a partir da diversidade territorial de grupos defasados na sua diversidade social.

É necessário superar esse modo de ver a Amazônia, pois está oculta à existência das populações tradicionais é preciso compreender a realidade incluindo na natureza o aspecto social e cultural na constituição da identidade dos ribeirinhos analisando temporalidade bem como suas peculiaridades de tradição e ao movimento com a natureza. É nestas duas particularidades que o espaço-temporal e o modo de vida podem ser compreendidos. Há uma imensa relação dos ribeirinhos com a natureza, sendo que a dinâmica da natureza norteia e produz os acontecimentos cotidianos destes, as ações de sobrevivência do ribeirinho se repetem periodicamente de acordo com o movimento das águas e do sol.

Uma *segunda* maneira de ver a região é através de um olhar puro do ribeirinho, onde se vê a rica diversidade cultural das ditas populações tradicionais como natural e não como algo que foi produzido socialmente no decorrer da história. A identidade ribeirinha é vista como autêntica, o ribeirinho original que ainda não teve sua vida sufocada pela globalização, porém, esta autenticidade é tratada como algo isolado do processo histórico socioespacial e cultural da região, uma visão lúdica que ignora que a identidade e as diferenças são construídas por conflitos e contradições, não apenas por representações simbólicas, mas pela desigualdade e exclusão social engendrado pelo desenvolvimentismo verticalizado na Amazônia.

A tradição também é de grande importância para a organização territorial dos ribeirinhos por inserir atividades e/ou experiências das populações tradicionais e valorizar as representações simbólicas ao longo da história, experiência que é passada de pai para filho a cada ciclo. Desta forma o que é repassado para os descendentes será sempre reinventado conforme a citação abaixo:

De certo, as identidades não são absolutas, prontas e acabadas. Elas se estabelecem no convívio social, no qual se cria e recria constantemente o sistema de valores e crenças, a compreensão do sentido de objetos, ações e relações



interpessoais em um determinado grupo, caracterizando-o perante os demais. (RIBEIRO, 2007, p.04)

É preciso compreender que a história está em constante movimento, ela é fruto de toda uma construção histórica e social que ao passar dos anos seu teor é reelaborado pelas mudanças e transformações a partir de contradições e relações de poder geradas na Amazônia, seja elas econômicas, sociais, políticas e culturais. E mesmo na sua totalidade, ela apresenta algo indeterminado e inacabado.

Assim o debate sobre a identidade não irá se reduzir somente à necessidade existencial de “quem sou eu?”, mas ainda “quem eu posso me tornar?”. A constituição da identidade do ribeirinho não tem a ver só com as suas raízes. Ela é resultado de uma construção histórica e social que não pode se perder na ideia de algo que não se transforma, pois os processos de identificação e os vínculos adquiridos de pertencimento se formam tanto pelas gerações que traduzem o que é único de cada cultura através de práticas e vivências do ribeirinho, quanto pelo caminho que será percorrido por ele, o que vem a ser definido a partir de circunstâncias que mobilizam as populações para um outro norte podendo na maioria das vezes ser breve, como exemplo a construção da Usina de Belo Monte em que trouxe vários impactos afetando as comunidades ribeirinhas que necessitam da natureza para sua subsistência.

E por *último*, mas não menos importante, um olhar moderno que causa conceitos infundados da cultura de tais populações. Esta visão está centrada em um conjunto de representações e símbolos marcados por pré-conceitos, preconceitos e questões sociais e culturais que compreende a história a partir de uma versão em etapas, as populações ribeirinhas são denominadas atrasadas e improdutivas em relação aos tempos e espaços que são modernos, avançados e produtivos. Esta visão se exprime na ideia de que essas populações são rústicas e primitivas. Foi este olhar que se atribuiu às populações ribeirinhas o estereótipo de caboclo. Isso explica o preconceito sofrido a estas populações e sua categorização incerta, ainda é evidente o modo pela qual às populações da Amazônia é referido por alguns literários como: moradores, ocupantes, povos.

Como podemos perceber a identidade ribeirinha é uma identidade territorial por ser construída a partir de representações simbólicas e empíricas das comunidades sociais com o território. As identidades territoriais são traçadas pelo processo de apropriação do espaço entre as relações de poder. No entanto se pode assegurar que em todo processo de territorialização as identidades se constituem, não se pode afirmar que toda identidade é dada a partir de um território, nem toda identidade constrói territórios, pois todas estão situadas no espaço-temporal, mas apenas algumas têm seu ponto referencial no território. Acerca do

entendimento da construção de uma identidade a partir do território implicam-se dois elementos essenciais como:

O espaço de referência identitário que é referente ao espaço e tempo em que se alcança o conhecimento social e cultural é neste espaço que são urdidas as práticas e representações que estabelecem o sentimento e o significado de pertencimento das comunidades em seu território. A localização geográfica é mencionada como referência para a construção da identidade nas dimensões físicas naturais, sociais e simbólicas. Tomamos como exemplo a atribuição do rio como espaço de referência da identidade amazônica, o rio é uma paisagem natural e essencial para a população ribeirinha por ser um local como fonte de recursos naturais (para realizar atividades de subsistência) e como meio para a locomoção, como foi mencionado anteriormente.

É onde se entrelaça as tramas e dramas sociais que constroem a maneira de viver do ribeirinho com seus conhecimentos, fazeres e sociabilidades do dia a dia. E como espaço simbólico ele é a centralidade do fantasioso, invenção e produto das crenças, lendas, e mitos em conjunto com a floresta e o mundo das águas, estes são ambientes essenciais na construção cultural ribeirinha e logo, um importante referencial para a constituição da identidade deste povo amazônico.

Como segundo elemento para a construção da alteridade na Amazônia, está à aceção de pertencimento, os laços de dependência recíproca e de união que constroem sentimentos de pertença e de consideração com pessoas ou um grupo a respeito de uma comunidade, de um espaço, de uma região não é algo natural, faz parte de uma construção histórica relacional e contrastivo, por muitas vezes haver conflitos entre identidade que atribuem o auto reconhecimento e identidades que atribuem o conhecimento ao outro. É nessa trama de significados de reconhecimento e alteridade e o conflito entre os grupos que imaginam a consciência de pertencimento e as identidades.

Em relação à consciência de pertencimento a um espaço, a uma região, esta é constituída a partir de práticas e representações de um local envolvendo a direção sobre um determinado espaço e a assimilação simbólico e/ou significativa do lugar. A direção do espaço está atrelada às representações do espaço concebido, e a apropriação deste está ainda mais atrelada às práticas espaciais e aos espaços simbólicos vividos. É nesta relação entre comando e apropriação em meio ao vivido e concebido que é constituída a condição de pertencimento socioespacial.

Assim, para obter a compreensão da identidade das comunidades ribeirinhas na região Amazônica é preciso ter a noção de suas culturas, sua maneira de vida, suas

territorialidades, seus conhecimentos e práticas vivenciadas dia a dia. É a partir do empírico e do concebido que se constituem a consciência de pertença socioespacial e as identidades territoriais.

## INVISIBILIDADE E SEUS EFEITOS NA VIDA RIBEIRINHA

Falar dos povos da Amazônia requer um conhecimento do desenvolvimento histórico da região. Nos últimos 60 anos a Amazônia sofreu diversas tentativas de desenvolvimento alimentadas pela ideologia de integração para a região. Com a elaboração e implementação de planos, projetos e programas governamentais se estabeleceu um esforço de trazer pessoas e gerar desenvolvimento econômico na região.

Esperava-se que com os megaprojetos houvesse uma evolução nos empreendimentos para melhorar a economia e limitar as probabilidades de países estrangeiros tentarem dominar as populações nativas e os recursos naturais. No entanto os resultados das políticas não foram satisfatórios, estes contribuíram para a drástica transformação da Amazônia levando-a a um longo processo de expansão demográfica, mudanças culturais dos nativos e outras, como cita Silva (2006):

“(...) os principais resultados [...] têm sido a degradação ambiental, a extinção de fauna e flora, o êxodo rural, o aumento da densidade populacional em áreas peri-urbanas, a favelização de famílias expulsas do campo e profundas alterações das relações socioeconômicas tradicionais entre as populações locais”. (p. 324).

Populações esquecidas caracterizando pouco investimento nestas pelo poder público e escondidas no estereótipo de trabalhador rural continuam a crescer constantemente desde a era da borracha. Muitas comunidades vivem em áreas de difícil acesso com pouca ou nenhuma infraestrutura de serviços públicos, com isso seus padrões de vida são limitados e ficam sujeitos a precariedade, segundo Silva (2006) as comunidades tradicionais não recebem atenção por características genéticas mestiças e culturais advindas da falta de organização social, o que os define como povos invisíveis.

O ribeirinho enfrenta inúmeros problemas de saúde, alguns não sabem ler e grande parte são alfabetizados funcionais. A má condição sanitária e a má alimentação têm refletido na alta prevalência de adultos e crianças. Em particular nas áreas ribeirinhas o acesso à assistência médica é raro. Sabe-se que existem poucos agentes comunitários de saúde.

Quando os ribeirinhos necessitam de assistência médica são obrigados a se deslocar aos postos de saúde em comunidades próximas, depois de longas viagens nos barcos, canoas à remo ou rabetas. Alguns postos costumam ficar parte do mês sem profissionais que



retornam às suas cidades natal um período de tempo a cada mês. Quando não conseguem assistência eles têm que viajar para as cidades próximas a fim de serem atendidos em postos de saúde ou mesmo no hospital. Muitos não possuem recursos financeiros para custear a viagem e acabam por utilizar do seu conhecimento empírico, as plantas medicinais.

Os indicadores mais sensíveis quando se fala em saúde é a questão da subnutrição em crianças, associadas à má alimentação trazendo consequências como atraso/falha de crescimento, no Marajó cerca de 41% das crianças de 0 a 10 anos sofre com a prevalência de subnutrição (SILVA, 2006).

Algumas políticas públicas têm sido estabelecidas em favor dos ribeirinhos, como exemplo os auxílios pontuais como a “bolsa enchente” que doa redes, materiais de higiene e alguns itens da cesta básica para a população cadastrada e a “bolsa floresta” esta tem encontrado um pouco de resistência por parte dos ribeirinhos pois visa a preservação das florestas em detrimento a extração ilegal de madeira. Outra questão a ser observada é o ensino médio através de vídeo conferência com professores da capital, os alunos não costumam ter contato com esta tecnologia bem como a didática de aula e até mesmo o conteúdo não contextualizado encontrando assim dificuldade no aprendizado.

Nem todas as comunidades possuem energia elétrica, a grande maioria tem geradores doados pelas prefeituras o que garante algumas horas de energia, mas a grande dificuldade está na manutenção do combustível e da própria máquina, os comunitários costumam “ratear” o combustível especialmente em dias de jogo de futebol pela televisão, porém quando as máquinas quebram eles tendem a esperar pelo doador da máquina, a prefeitura que não tem como controlar a demanda das comunidades. Sendo assim eles que são perfeitamente acostumados com a vida sem energia esperam longos meses ou até anos pelo conserto. Por último podemos destacar o fato de que os jovens estão se deslocando para as cidades e capitais em busca de estudo e emprego, porém os hábitos de vida e a própria falta identificação acaba por trazer grande maioria de volta à sua terra natal e suas famílias voltando a ter uma vida rural, porém com grande atualização cultural passando por conflito emocional.

Existe um grande desafio por parte do estado em relação aos jovens das comunidades ribeirinhas, por um lado as jovens assim como seus pais iniciam sua vida sexual ainda na adolescência e conseqüentemente engravidam antes da juventude, elas tendem a morar com os pais de seus filhos por algum tempo ou continuam com seus pais sendo que seus filhos são criados como irmãos, para o estado isto pode ser um grande problema, porém para o povo pode ser visto como um traço cultural, já os jovens estão sendo seduzidos pelo cultivo

e distribuição ilegal de drogas, acabam consumindo e causando grandes problemas na comunidade. O acesso às informações através dos meios de comunicação com a chegada da energia e do progresso tem estimulado estes jovens, porém o estado ainda não tem mecanismos de combate e controle das drogas e violência.

Apesar da baixa produtividade e vulnerabilidade social em que estes ribeirinhos se encontram, estes vêm se adaptando às várzeas e às florestas, porém ainda há muito que se fazer junto de políticas públicas na área da saúde e trazendo estas populações para o debate e participação voltados para a melhoria da qualidade de vida delas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso do desenvolvimento verticalizado e as diferentes devastações da natureza Amazônica traduz um afastamento das comunidades tradicionais as suas diversidades, está devendo ser entendida de maneira singular de modo a não identificar o ribeirinho como primitivo. Podemos perceber que o ribeirinho não está estático no tempo, embora mantenha suas práticas tradicionais, ele recebe influências diversas da sociedade moderna.

Sua identidade depende dos caminhos a serem percorridos, das relações de pertencimento, sobretudo, aqueles envolvidos em um processo trazendo consequências nefastas da colonização. Nesta sociedade de conflitos e contradições a identidade ribeirinha deve ser vista como uma dinâmica constante que se busca refazer e reinventar sua própria história. A posição tomada refere-se à questão de que, deve-se proteger a natureza e as comunidades que habitam as unidades de conservação, pois, assim como o meio ambiente, os saberes das populações tradicionais também devem ser valorizados.

Apesar dos inúmeros mecanismos de direitos que a população ribeirinha possui ainda há um completo descaso referente à saúde e educação desta população. O ribeirinho não pode mais ficar esquecido à beira dos rios ou das estradas a espera de possibilidades de desenvolvimento que os considere como sujeitos de sua própria história. A iniciativa de dar visibilidade às comunidades ribeirinhas pressupõe inseri-los em um contexto de mudanças e transformações históricas que permeiam o sistema social, econômico, político e cultural da atual sociedade.

Segundo Miranda Neto (2005) é necessário criar mecanismos que possam facilitar e possibilitar a participação destas comunidades nos processos das tomadas de decisões do poder implicando em um projeto construindo por todos os cidadãos conhecendo a região e



as comunidades que nela habitam, e principalmente reconhecendo suas diversidades étnicas e culturais. Assim como os indígenas que possuem seus direitos preservados e protegidos junto com ONGs e organizações governamentais, os ribeirinhos amazônicos precisam de sua valorização e visibilidade.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Cristina et al. **O pão da terra: da invisibilidade da mandioca na Amazônia. Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade.** São Paulo, FAPESP, 2006.

BARBOSA, Maria José de Souza e SÁ, Maria Elvira Rocha de. A Questão Social na Amazônia no capitalismo contemporâneo: O Estado do Pará em Foco. In: SCHERER, Elenise. **Questão Social na Amazônia.** Manaus: EDUA, 2009.

BOURDIEU, Pierre (1989). A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

CARDOSO, Roberto de Oliveira. **Identidade, Etnia e Estrutura Social:** São Paulo: Ênio Matheus Guazzelli & Cia. Ltda. 1976.

COSTA, João Batista de Almeida. **A (Des)Invisibilidade dos Povos e das Comunidades Tradicionais:** A Produção da Identidade, do Pertencimento e do Modo de Vida como Estratégia para Efetivação de Direito Coletivo. In: Dieter Gawora; Maria Helena de Souza Ide; Rômulo Soares Barbosa. (Org.). Povos e comunidades Tradicionais no Brasil. Montes Claros: Editora Unimontes, 2011, v.1, p. 51-68.

CRUZ, Valter do Carmo. **Rio como Espaço de Referência Identitária na Amazônia:** Considerações sobre a Identidade Ribeirinha. In: XIV Encontro Nacional da ANPUR. Rio de Janeiro, RJ. 2011.

BARRETO FILHO, Henyo Trindade. Populações tradicionais: introdução da crítica da ecologia política de uma noção. In: ADAMS, Cristina (org) et al. **Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade.** São Paulo, FAPESP, 2006.

FURTADO, Lourdes Gomes. **Pescadores do Rio Amazonas:** um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica. Belém. CNPQ/MPEG. 486 p. 1993.

\_\_\_\_\_. Comunidades tradicionais: sobrevivência e Preservação Ambiental. In: Maria Ângela e Silveira Isolda Maciel (org) **A Amazônia e a Crise da Modernização.** Belém, ICSA/Goeldi, 2009.

FUTEMMA, Célia. Uso e acesso aos recursos florestais: os caboclos do Baixo Amazonas e seus atributos socioculturais. In: ADAMS, Cristina (org) et al. **Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade.** São Paulo, FAPESP, 2006.

PRETRERE JR, M. 1992. As comunidades humanas ribeirinhas da Amazônia e suas transformações sociais. In: Diegues, A.C. (Ed). **Populações humanas, rios e mares da Amazônia.** São Paulo. Anais do IV Encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil. p. 31-68.





MIRANDA, Manoel Neto José de. **Marajó desafios da Amazônia**. Belém; EDUFPA, 2005

RIBEIRO, Adilton Pereira. **Do Rio à Cidade: A (Re)Produção de uma Identidade Territorial Ribeirinha no Bairro do Jurunas, em Belém-Pa**. In: XII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Belém, PA, 21 a 25 de maio de 2007.

SARRAF, Agenor Pacheco. **Oralidades e letras em encontros nos “marajós” ribeirinhos e religiosos urdindo identidades culturais**. COLETÂNEAS DO NOSSO TEMPO, 2008, Rondonópolis, p15 a 38.

SCHERER, Elenise. **Mosaico Terra-Água: A Vulnerabilidade Social Ribeirinha na Amazônia – Brasil**. In: VIII Congresso Luso-Brasileiro de Ciências Sociais; Coimbra, POR. Universidade de Coimbra, 2004.

SILVA, Hilton P. Sócio ecologia da saúde e doença: Os efeitos da invisibilidade nas populações caboclas da Amazônia. In: ADAMS, Cristina (org) et al. **Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade**. São Paulo, FAPESP, 2006.